



Os professores e os bloqueios cognitivos frente à temática morte no ensino de Ciências

Ierecê dos Santos Barbosa,^a Alberto de Souza Bezerra,^b Anfremon D'Amazonas Monteiro Neto^c

^aProfessora Doutora em Educação, UEA

^bMestrando em Educação em Ciências na Amazônia, UEA

^cEspecialista em Medicina Intensiva, UEA

ARTICLE INFO

Received: 5 Aug 2013

Accepted: 8 Oct 2013

Keywords:

Ensino de Ciências.
Morte.
Crenças.

E-mail addresses:

ierecebarbosa@yahoo.com.br
soubez@yahoo.com.br
anfremon@ig.com.br

ISSN 2007-9842

© 2014 Institute of Science Education.
All rights reserved

ABSTRACT

This study aimed to investigate how the Basic Knowledge Teachers deal with the "Death" theme in the classroom environment, especially those involved in science teaching. The methodology anchors on the qualitative approach, having bibliographic and field research as support and bringing the teacher's speech to analysis. The results, verified at 100% of the interviewed teachers, show the existence of a Death Taboo and the wrong cultural vision that life and death are antagonic, as if they were not part of the same vital cycle.

Este estudo objetivou investigar como os professores do Ensino Fundamental da rede pública e privada lidam com a temática morte no contexto da sala de aula, mas especificamente no Ensino de Ciências. O percurso metodológico se ancorou na abordagem qualitativa, tendo como suporte a pesquisa bibliográfica e de campo, trazendo para análise as falas dos entrevistados. Os resultados sinalizam para a constatação do tabu da morte, presente em 100% dos participantes da pesquisa e da visão equivocada e cultural de que vida e morte são antagônicas, como se não fizessem parte do ciclo vital.

I. INTRODUÇÃO

Em 2009 tivemos a grata oportunidade de ler "A menina que roubava livros", um romance do até então desconhecido autor australiano Markus Zusak, que logo entrou para a lista das obras de ficção mais vendidas do Brasil. A narradora é a morte e para os amantes da literatura isso não impediu a leitura, muito pelo contrário, sabemos que a obra, lançada pela Editora Intrínseca, já vendeu cerca de 400 mil exemplares e já vai para a 12^a. tiragem. Por que a morte na literatura é bem aceita e no Ensino de Ciências ela, muitas vezes, se configura ainda como tabu? Partindo dessa problemática, fomos a campo para investigar como o estudo do ciclo vital: nascimento, crescimento, reprodução e morte (PCN – Ciências Naturais, Volume 04) era apresentado pelos professores? E que tipos de abordagens eram feitas sobre a temática morte?

Partindo de tais questionamentos, discutimos a ideia de pesquisar o assunto e iniciamos a elaboração de um projeto de pesquisa, sustentado teoricamente por autores que discutem a questão, tais como: Kubler-Ross (1998); Murphet (1998); Torres (1999); Cassola *at al.* (1991); Jaffé, Frey-Rohn e Franz (1995), dentre outros que atendiam

os objetivos da pesquisa. Delineamos o desenho metodológico e iniciamos a coleta de dados. Consideramos este estudo deveras relevante, pois tal temática tem sido bastante estudada por médicos, psicólogos, assistentes sociais, religiosos, sendo escassa na produção docente. Saber como os professores lidam com a questão nos pareceu produtor, para num futuro próximo iniciarmos uma discussão nas escolas com vistas à melhoria não só dos Projetos Políticos Pedagógicos, mas também do desempenho docente em sala de aula e revitalização dos núcleos de atendimento psicopedagógicos das escolas.

II. PERCURSO METODOLÓGICO

O estudo foi ancorado em abordagem qualitativa interpretativa, mas especificamente na entrevista em profundidade que é adequada para estudos do tipo exploratório, que tratam do levantamento de crenças, percepções ou visões para ampliar conceitos sobre a situação analisada. Os sujeitos da pesquisa foram 12 professores do Ensino Fundamental, sendo seis da escola pública e seis da particular. A escolha deste público se deu devido ao atendimento de um dos objetivos específicos do projeto que consistia em verificar se havia percepções diferenciadas da temática morte em instituições distintas, no tocante a organicidade.

Para a coleta de dados utilizamos a entrevista por considerá-la uma possibilidade em esclarecer o que as pessoas pensam sobre o objeto de estudo, revelando os fatores inconscientes que se manifestam através do comportamento humano. A entrevista se apresentou como “uma técnica eficiente para obtenção de dados em profundidade acerca dos mais diversos aspectos da vida social” (Gil, 2009, p. 63).

Para que pudéssemos alcançar os objetivos propostos, as entrevistas foram realizadas individualmente e em hora pré-agendada. Os professores aceitaram participar do estudo e foram informados que o nome da escola e os seus seriam omitidos ou substituídos por nomes fantasias para a garantia da privacidade. O período de coleta de dados levou três semanas, pois tivemos que compatibilizar nossos horários de pesquisadores com as disponibilidades dos sujeitos da pesquisa.

Após a coleta, iniciamos o trabalho de sistematização das falas e posterior análise, que sintetizamos para efeito de adequação às normas de publicação e que trazem o registro das falas dos professores sobre a temática.

A. OS PROFESSORES E O MEDO DA MORTE

Nas entrevistas em profundidade realizadas com os sujeitos da pesquisa o medo da morte foi uma categoria presente em todas as falas de modo aparente ou subjacente. O medo é visível em suas fisionomias e alguns chegaram a “bater na madeira” em sinal de proteção e distanciamento do tema.

Esta atitude diante da morte nos faz pensar que o homem tem plena consciência de sua existência e que compreende este processo como inseparável da sua condição de ser vivo. No entanto, a morte, ainda se apresenta como um processo no qual a sua aceitação não é tão fácil de ser assimilada e aceita pelo homem. Howard Murphet (1998, p. 30) relata em suas pesquisas que:

Algumas tribos, se as pessoas queriam mencionar o nome de um morto, faziam-no aos sussurros, na esperança de que o espírito não as ouvisse [...]. O medo primitivo dos mortos torna-se evidente não apenas nestes tabus, como também no costume de retirar periodicamente os espíritos terrestres da região, através de rituais variados.

No contexto das escolas selecionadas, questionamos aos professores como era abordada a temática nas aulas de Ciências Naturais. As respostas foram diversificadas em sua forma e estilo de linguagem, mas quando procedemos à análise observamos que um fio condutor proporcionava unidade na diversidade: o medo da morte estava em todas as falas. A morte, portanto, “constitui ainda um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal, mesmo sabendo que podemos dominá-lo em vários níveis”. (Kubler-Ross, 1998, p. 9). As falas docentes foram significativas:

A professora Eliana (Ensino Fundamental, Manaus, Amazonas, Brasil) foi bem enfática: “*eu sou pela vida, gosto de estudar o que tem vida, não falo aquela palavra*”.

Observamos pelo discurso da professora que ela comunga da ideia, generalizada na nossa sociedade, de que a vida e a morte são antagônicas, o que não se sustenta teoricamente, pois só existe a morte porque existiu a vida. Alves e Alves (2003, p. 67) vêm embasar tal premissa quando preceituam que: “não é possível falar de uma sem o referencial da outra, uma vez que o binômio vida e morte faz parte da natureza e sua presença é notada em todos os reinos”.

Procuramos saber da professora Eliana se o livro didático adotado por ela aprofundava a questão da morte, a fim de dar conta de nosso segundo objetivo específico. Ela não titubeou: “Penso que o autor também não gosta de falar naquela palavra, pois ela aparece raramente no texto. Ele é bem didático. Afinal vida é vida”. Esse é um tabu que advém de tempos remotos e Kubler-Ross (1998, p.06) esclarece tal questão:

O homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá. Do ponto de vista psiquiátrico isto é bastante compreensível e talvez se explique melhor pela noção básica de que, em nosso inconsciente, a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos. É inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para a nossa vida na terra, e se a vida tiver um fim, este será sempre atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance. Explicando melhor: em nosso inconsciente só podemos ser mortos; é inconcebível morrer de causa natural ou idade avançada. Portanto, a morte em si está ligada a uma ação má, a um acontecimento medonho, a algo que em si clama por recompensa ou castigo.

Eliana é jovem, tem 28 anos de idade e leciona desde os 23. Ficou claro que ela alimenta uma crença muito difundida na sociedade: o pavor da morte. Tanto que se recusa até a pronunciar e substitui a palavra morte no discurso por “aquela palavra”, ou “naquela palavra”. Mais uma vez ela deixa transparecer o antagonismo vida & morte e sua recusa em aceitar a finitude do ciclo vital. Se não aceita e não a compreende bem, não tem como explicar ou abordar o tema com seus alunos.

Entendemos ser da competência do professor explorar os conteúdos elencados no livro didático, pois ele por si só não é suficiente para assegurar um bom curso. Outros recursos devem ser utilizados como apoio, por exemplo: filmes, revistas, jornais, internet, dentre outros. Quando se trata de vida & morte as possibilidades pedagógicas se ampliam, pois nosso cotidiano é um laboratório rico que pode ser explorado. Muitas vezes, a criança não sabe lidar com o sentimento de perda oriundo da morte de um ente querido. A compreensão do ciclo vital completo poderia abrir outras possibilidades de reflexão por parte de quem sofreu a perda e o luto seria menos traumático.

Estudos realizados por Bowlby (1985) sinalizam para a experiência social da criança após a perda de entes queridos. As crianças que após a perda de um dos pais apresentam mais tarde distúrbios psiquiátricos são as que em geral não receberam a atenção necessária materna ou paterna suficiente para superar a falta daquele que morreu. Tais estudos revelam que aquelas crianças que receberam atenção constante do viúvo ou viúva desenvolveram-se normalmente após ter perdido um dos pais. Isso evidencia o quanto a criança precisa compreender a questão da morte, mas trata-se de uma compreensão assistida, ao nível de seu desenvolvimento cognitivo.

Torres (1999, p. 127) preceitua que:

Embora a morte seja a maior ameaça ao nosso narcisismo, e a morte do outro deixe sempre profundas cicatrizes, o processo progressivo do luto permitirá uma adequada elaboração da perda. Assim sendo, a criança, mais do que ninguém, no decorrer desta dolorosa travessia necessitará do adulto para ser informada, compreendida e assistida.

Sabemos que o (a) professor (a) é referência para a criança, podendo ajudar nessas ocasiões. Não se trata de transformar a sala de aula num consultório psicológico ou psicanalítico, mas de ter sensibilidade e maturidade para ouvir e falar com a criança.

Professor José também é avesso ao assunto. Ele nos fala seriamente:

Explico qualquer coisa aos meus alunos, menos a morte. Não sei lidar com ela, tenho pavor de morrer e evito falar no assunto, não vou a velório, a enterro e nem a missa de defunto, falo de nascimento, de crescimento, de reprodução numa boa, mas quando chega a última parte do ciclo, eu só menciono a palavra morte e dou por encerrado o assunto, não entro em detalhes.

José, tal qual a professora Eliana, é professor do Ensino Fundamental (1º. e 2º. Ciclos, respectivamente) e leciona numa escola pública municipal, situada na Zona Leste da cidade de Manaus, tem 45 anos e diz amar a profissão, estando na carreira docente há 20 anos. Ele nos relata que quando ocorre uma perda em que todo mundo

comenta, como no caso do cantor Michel Jackson, ele evita o assunto. No caso do referido cantor ele falou para os seus alunos que o cantor *“foi para o céu e agora estava cantando para o Menino Jesus”*.

Torres (1999, p. 164) recomenda, num discurso prescritivo, evitar eufemismos que camuflam a realidade e trazem mais dificuldade para a criança, tais como: *“está dormindo”*, *“descansou”*, *“parou de sofrer”*, dentre outros. O *“foi para o céu”* é um desses eufemismos que descaracteriza a morte e enobrece o processo, atrelando a ele uma missão digna do morto: *“está cantado agora para o Menino Jesus”*.

Ouvimos mais dois professores (Flávia e Germana) do Ensino Fundamental, do 3º. e 4º. Ciclos, e suas opiniões reforçaram o tabu da morte. Flávia diz que:

Considero isso muito forte para falar aos meus alunos. Sou Bióloga de formação, mas nunca, na universidade, ouvi um professor falar sobre a morte, penso que ninguém gosta do assunto, tenho certeza que não sou a única. Falo só por alto, não defendo nenhuma tese, pois quando se morre é o fim para aquele que morreu.

Flávia se expressa com segurança, passa a ideia de quem sabe o que quer. Mas quando diz que o tema *“é forte para ela abordar com os alunos”* fica evidente o mecanismo de defesa. Ela projeta nos alunos a sua própria fragilidade em explicar o assunto, taxando-o de *“forte para eles”*, com isso ela tenta camuflar a fuga da abordagem e ressaltar sua atitude altruísta, ou seja: poupar os alunos desse assunto constrangedor. Além disso, Flávia se reporta ao passado e justifica sua decisão na reprodução do que lhe foi ensinado, isto é, se meus professores não falaram nesse assunto, porque eu deveria falar. Falar como? Não aprendi tal conteúdo na universidade.

Germana, 33 anos de idade e 08 de magistério, foi bem objetiva:

Não falo, não curto e não gosto. Não saberia abordar tal assunto, perdi minha mãe há 02 anos, ela foi morrendo aos poucos, o coração não funcionava direito, depois o rim, depois o pulmão, aí ela parou de respirar e se foi, ela está descansando junto a Deus, mas até hoje não me conformo. Escreve aí que eu me recuso a falar em assunto triste, que me remexe por dentro. A vida já é tão pesada, falar de morte para quê?

Germana é química e ministra aula de Ciências Naturais, tal como Flávia, numa escola particular da Zona Sul de Manaus. A morte para ela é um tabu, ainda está de luto pela morte da mãe, um luto que ela carrega há 02 anos e que pode ser ampliado por muito tempo. O peso da sua própria existência parece contribuir para esse posicionamento. Algo muito forte não a libera desse luto e funciona como reforço para consolidar o tabu. Fala que *“a mãe está descansando junto a Deus”* e, mesmo assim, não se conforma. Uma contradição, pois se ela acreditasse no que diz estaria conformada pela nova situação da mãe no mundo espiritual. Uma armadilha emocional que ela arma para si própria. A verdadeira fé liberta do luto patológico.

Passamos então a ouvir outros professores: Pedro e Marcelo, biólogos, Pedro pertencente aos quadros de uma escola pública estadual, 46 anos e Marcelo, 32, dos quadros de uma escola particular, ambas situadas no Centro de Manaus. Pedro disse que fala sobre a temática morte, mas observa que os alunos não gostam muito. Segundo ele: *“não me demoro no tema, sou breve, pois o assunto não é agradável, é difícil de digerir”*.

Marcelo diz: *“abordo brevemente, sou espírita, mas não posso misturar espiritualidade com Ciência. Há muitos alunos de outras religiões na sala e falar que a morte é só uma passagem, não seria muito ético”*.

Entrevistamos também a professora Luana, bióloga, 32 anos, que não gosta da temática e confessa: *“Minha abordagem é superficial, tenho certeza que deixo a desejar. Mas os alunos nunca reclamaram”*.

Breno, 37 anos, Mestre em Ensino de Ciências, nos conta que abordar a morte é sempre um problema: *“não me sinto a vontade, é um conteúdo que não flui, falo, mas muitas vezes eu passo uma pesquisa bibliográfica, assim evito ficar falando sobre o assunto”*. E acrescenta: *“os alunos são jovens demais, tem outros interesses, para eles morte está ligado à velhice, eles não se interessam. Às vezes, eu me limito a dizer que tudo que é vivo um dia morre”*. Breno parece não perceber, defendendo os argumentos dos alunos, que a morte faz parte da vida e que se morre a qualquer hora e em qualquer idade: bebê, menino, adolescente, adulto e idoso.

III. CONCLUSÕES

O medo da morte está contido em todas as falas dos sujeitos da pesquisa. Dito assim parece que pesquisamos o óbvio, pois se trata de um medo arraigado em nossa cultura, mas nossos sujeitos não foram escolhidos aleatoriamente. A escolha foi intencional, pois se trata de professores que trabalham com o Ensino de Ciências e acreditávamos, a priori, que muitos poderiam não visualizar a morte como um tabu.

O medo da morte, demonstrado no discurso e na leitura das expressões e gestos, em todos os docentes, evidencia o desamparo e a despersonalização crescente do indivíduo numa sociedade líquida (Bauman, 2001), onde tudo é extremamente passageiro, fugaz, efêmero. Diante dessa velocidade do surgimento e do desaparecimento das coisas da vida, não é de surpreender que o inconsciente exerça pressão, procurando de uma forma ou de outra elevar os valores espirituais represados. Daí as projeções sinalizadas nas falas dos professores, procurando, através de eufemismos, transcenderem as fronteiras da vida.

O mais intrigante é que eles não parecem ter um conceito científico da morte, embora tal conceito não seja único e nem hegemônico, muito pelo contrário, requer uma visão tridimensional, envolvendo *irreversibilidade*, ou seja, o corpo físico morto não retorna ao seu estado anterior, não volta a viver; *a não-funcionalidade*, ou *disfuncionalidade*, alusiva ao entendimento de que todas as funções vitais paralisam com a morte e a *universalidade*, a concepção, defendida por muitos autores, que tudo tem início, meio e fim. (Torres, 1999).

As falas, embora coloquiais e atreladas às crenças, ao senso comum, sinalizam para essas tridimensionalidades. Quando o professor Breno diz: “*tudo o que é vivo um dia morre*” ele está inserido em uma ideia de *universalidade*. Quando a professora Flávia diz com firmeza: “*Olhe, sou materialista, considero que aquele que morreu, simplesmente acabou, virou pó, cinzas, não existe mais*”, seu discurso está ancorado na via conceitual da *irreversibilidade* e Germana se apoia, mesmo sem saber, no conceito de *disfuncionalidade*, pois ao descrever a morte de sua mãe diz: “*ela foi morrendo aos poucos, o coração não funcionava direito, depois o rim, depois o pulmão, aí ela parou de respirar e se foi*”.

O processo de negação frente à discussão do tema Morte foi manifestado por quatro professores que aceitaram, inicialmente, fazer parte da pesquisa, mas se negaram a responder as questões: tudo indica que o simples fato de pensar sobre tal tema já cria bloqueios cognitivos que impedem o indivíduo de refletir a morte como uma realidade inerente ao processo de desenvolvimento humano: nascemos, vivemos e morremos. Costa (1998, p.62) acrescenta que “o contato direto com a morte implica em um comprometimento afetivo-emocional, uma vez que em toda situação de confronto com a morte, a auto-conservação, a segurança e a própria auto-estima se encontram ameaçadas”.

As diversas manifestações de reação diante da morte, dentre elas a negação, estão relacionada ao desejo e a busca incessante da humanidade pela preservação da vida. O ser humano busca conscientemente e inconscientemente preservar o que considera mais importante e significativo para si próprio e para o outro, a sua existência. Daí o fato do pensar sobre a morte como a falta do controle da vida, o que de fato não se tem, e em perdas, se torna algo repugnante e inaceitável.

Tal comportamento é deveras compreensível, pois temos medo de perder nossos pais, filhos e amigos. Tememos não ter mais o contato físico, o que consideramos palpável, tudo aquilo que estar ao nosso alcance e até mesmo o controle. Saber que temos, de fato, a presença de quem amamos perto de nós, saber que ele existe de fato, nos conforta e nos mantém sob a égide de que esta relação afetiva e emocional não terá fim. O simples ato de pensar na possibilidade do contrário ocorrer suscita uma atitude natural de defesa. Esta defesa acaba por refletir uma certeza: de que a morte de fato pode ceifar todos os projetos de vida, desejos e sonhos, daí o processo de negação se apresentar como uma proteção diante do inevitável.

Podemos constatar, através das entrevistas, que a relação estabelecida entre a morte e morrer, ainda se constitui em um tabu e reflete uma fragmentação do conceito implícito que se processa devido não só a formação mecanicista dos professores, mas também pelo distanciamento de um tema que culturalmente não atrai. Pelo contrário, amedronta.

REFERÊNCIAS

- Alves, L. A. S. & Alves, M. H. L. (2003). A morte como legitimadora da vida. In: seminário catarinense de ensino religioso. *Educação e Transcendência*, 13, 67-69.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bowlby, J. (1985). Perda. Tristeza e depressão. In: *Apego e Perda*, Vol. III. São Paulo: Martins Fontes.
- Cassorla, Roosevelt M. S. (Coord.). (1991). *Da Morte: estudos brasileiros*. Campinas, São Paulo: Papirus.
- Gil, Antonio Carlos. (2009). *Estudo de Caso: Fundamentação Científica subsídios para a coleta e análise de dados como redigir o relatório*. São Paulo: Atlas.
- Jaffé, Aniela. Frey-Rohn, Liliane & Franz, Marie Louise Von. (1995). *A morte a luz da psicologia*. São Paulo: Pensamento.
- Kubler-Ross, Elizabeth. (1998). *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes.
- Murphet, Howard. (1998). *Entendendo a morte. Um estudo fascinante sobre um dos maiores mistérios da vida*. São Paulo. Pensamento.
- Torres, Wilma da Costa. (1999). *A criança diante da morte. Desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.